

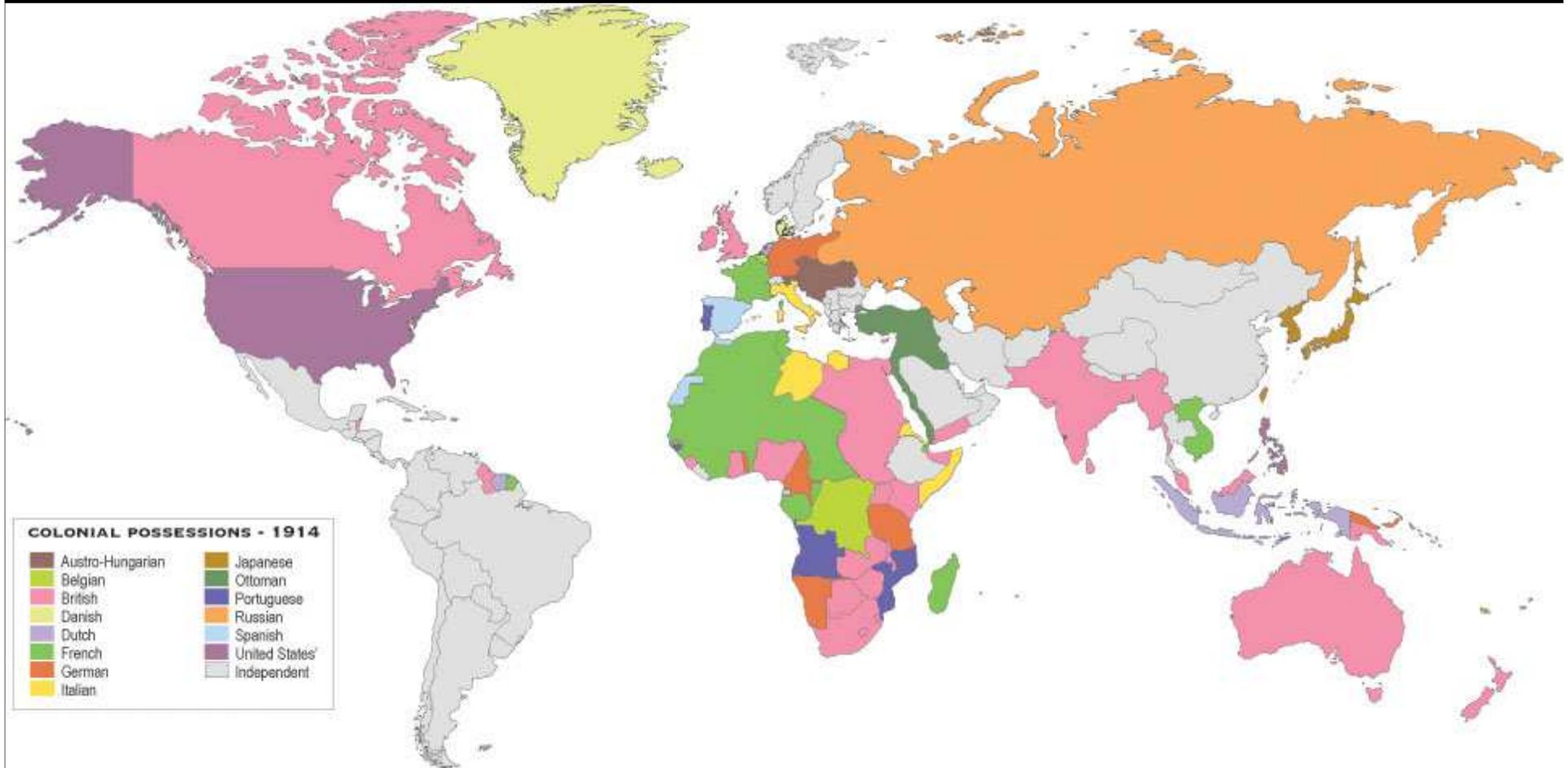
Palestina - Israel



Sionismo (séculos XIX/XX/XXI)

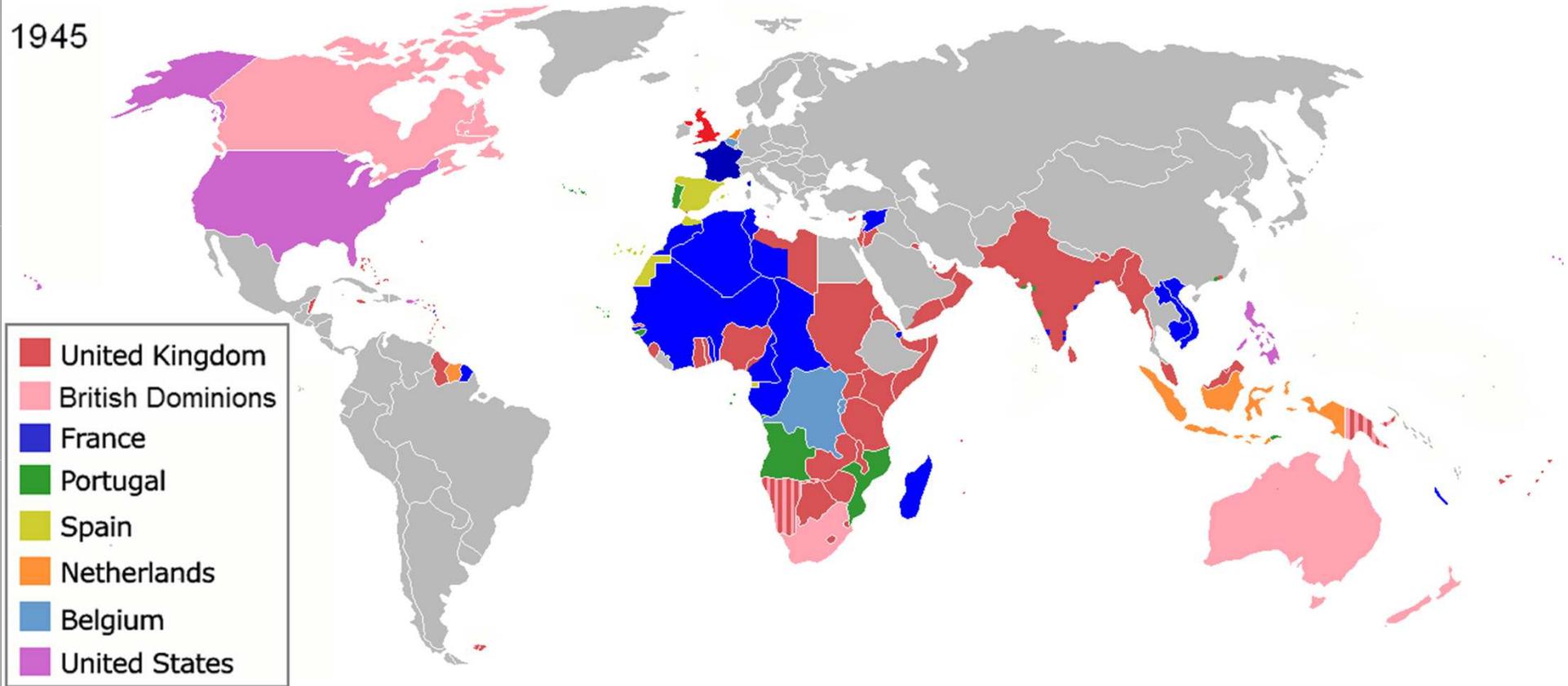
- Nacionalismo;
- Colonialismo;
- Antissemitismo (sionismo, internacionalismo, assimilação).

A Palestina e o colonialismo mundial - 1914



A Palestina e o colonialismo mundial - 1945

1945



Sionismo e colonialismo

Palavras proferidas em 1918 por Chaim Weizmann, primeiro presidente do Estado de Israel:

“Os árabes, que são superficialmente inteligentes e de espírito vivo, cultuam uma coisa, e somente uma coisa - o poder e o sucesso [...] As autoridades britânicas [...] conhecendo a natureza traiçoeira dos árabes [...] têm de vigiar cuidadosa e constantemente. [...] Quanto mais justo o regime inglês tenta ser, mais arrogantes se tornam os árabes. [...] A presente situação tenderia necessariamente para a criação de uma Palestina árabe, se houvesse um povo árabe na Palestina. Não produzirá de fato esse resultado, porque o felá está pelo menos quatro séculos atrasado, e o efêndi [...] é desonesto, sem educação, ganancioso e tão impatriótico quanto ineficiente”

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 408.

Excerto da obra: “O Estado judeu”

“Se S.M. o Sultão nos desse a Palestina, poderíamos tornar-nos capazes de regular completamente as finanças da Turquia. Para a Europa, constituiríamos aí um pedaço da fortaleza contra a Ásia, seríamos a sentinela avançada da civilização contra a barbárie. Ficaríamos como Estado neutro, em relações constantes com toda a Europa, que deveria garantir a nossa existência”

Theodor Herzl. O Estado judeu. São Paulo: Organização sionista unificada do Brasil, 1947.
(primeira publicação: do final do século XIX)

Mandato britânico e demografia

From: A History of the Israeli-Palestinian Conflict, Second Edition. By Mark Tessler

Appendix 1. Palestine Population by Religious Communities

Year	Date		Muslims	Jews	Christians	Others	Total	% of Jews
1922	(10/23)	Census	589,177	83,790	71,464	7,617	752,048	11.1
1923	(6/30)		599,331	89,660	72,090	7,908	768,989	11.7
1924	'		627,660	94,945	74,094	8,263	804,962	11.8
1925	'		641,494	121,725	75,512	8,507	847,238	14.4
1926	'		663,613	149,500	76,467	8,782	898,362	16.6
1927	'		680,725	149,789	77,880	8,921	917,315	16.3
1928	'		695,280	151,656	79,812	9,203	935,951	16.2
1929	'		712,343	156,481	81,776	9,443	960,043	16.3
1930	'		733,149	164,796	84,986	9,628	992,559	16.6
1931	(11/18)	Census	759,700	174,606	88,907	10,101	1,033,714	16.9
1932	(12/31)		778,803	192,137	92,520	10,367	1,073,827	17.9
1933	'		798,506	234,967	96,791	10,677	1,140,941	20.6
1934	'		814,379	282,975	102,407	10,793	1,210,554	23.4
1935	'		836,688	335,157	105,236	11,031	1,308,112	27.3
1936	'		862,730	384,078	108,506	11,378	1,366,692	28.1
1937	'		883,446	395,836	110,869	11,643	1,401,794	28.2
1938	'		900,250	411,222	111,974	11,839	1,435,285	28.7
1939	'		927,133	445,457	116,958	12,150	1,501,698	29.7
1940	'		947,846	463,535	120,587	12,563	1,544,530	30.0
1941	'		973,104	474,102	125,413	12,413	1,585,500	29.9
1942	'		995,292	484,408	127,184	13,121	1,620,005	29.9
1943	'		1,028,715	502,912	131,281	13,663	1,676,571	30.0
1944	'		1,061,277	528,702	135,547	14,098	1,739,624	30.4
1945	'		1,101,565	554,329	139,285	14,858	1,810,037	30.6

SOURCE: A. Gerta, ed., *Statistical Handbook of Jewish Palestine, 1947* (Jerusalem: Jewish Agency, Department of Statistics, 1947), pp. 46-47.

Perda de soberania palestina



Palestine before creation of Israel



UN partition plan for Jewish and Arab states. Rejected by Arabs



Limits of newly-created Israel



Victory in Six-Day War vastly expands Israeli-controlled territory



Oslo agreements give control of some land to new Palestinian Authority



Israeli government seeks to impose final borders by 2010

AA Nakba ou Limpeza étnica de 1948

- Diário de Theodor Herzl, considerado pai fundador do sionismo político:

“... Devemos tratar de impulsionar a população indígena [os palestinos] através das fronteiras, procurando-lhes trabalhos nos países de trânsito, enquanto se nega a eles emprego em nosso próprio país”.

- Israel Zangwill, liberal sionista inglês, 1905:

“Devemos estar preparado para expulsar com a espada as tribos [árabes] em possessão [das terras], como fizeram nossos antepassados, ou para enfrentar o problema de uma grande população alheia, principalmente muçulmana e acostumada a nos depreciar por séculos”

- Zeev Jabotinsky em carta de 1939:

“Não há nenhuma opção: os árabes devem dar lugar aos judeus na terra de Israel. Se foi possível transferir os povos bálticos, também é possível mover os palestinos árabes [...] Nós, os judeus, graças a Deus, não temos nada a ver com o Oriente ... a alma islâmica deve ser varrida de Israel”.

- Chaim Weizmaan – primeiro presidente de Israel -, ao ser perguntado por Arthur Ruppin, chefe do departamento de colonização da Agência Judaica, se a terra já estava ocupada:

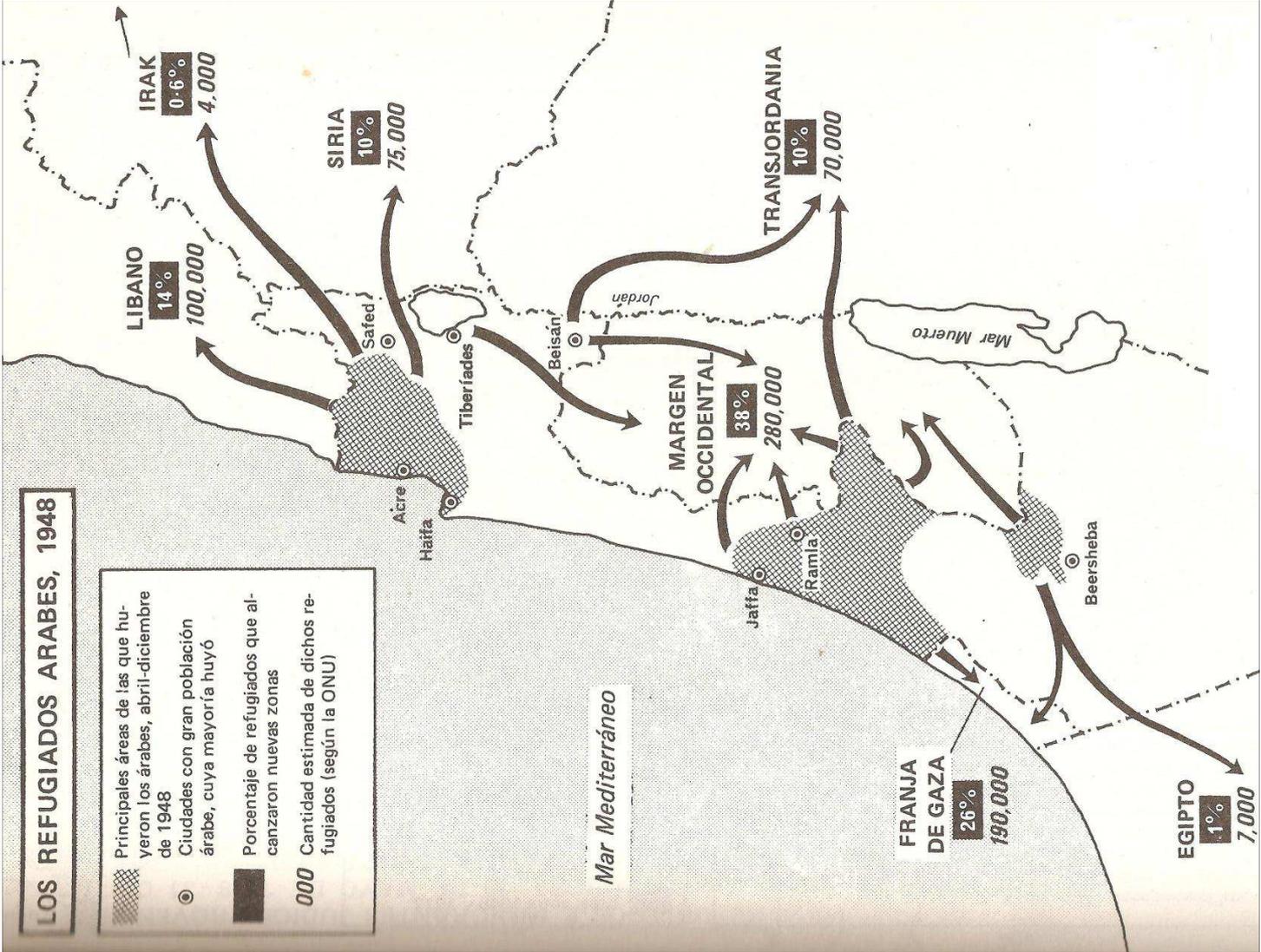
“Temos que nos agarrar a essa conclusão [transferência dos árabes da Palestina] da mesma forma que nos aferramos à Declaração Balfour, mais ainda, devemos fazer isto igual a forma como nos aferramos ao próprio sionismo. Devemos insistir nela (e impulsioná-la) com toda nossa determinação, poder e convicção [...]. Devemos arrancar de nosso coração a ideia de que não é possível. Pode fazer-se”.

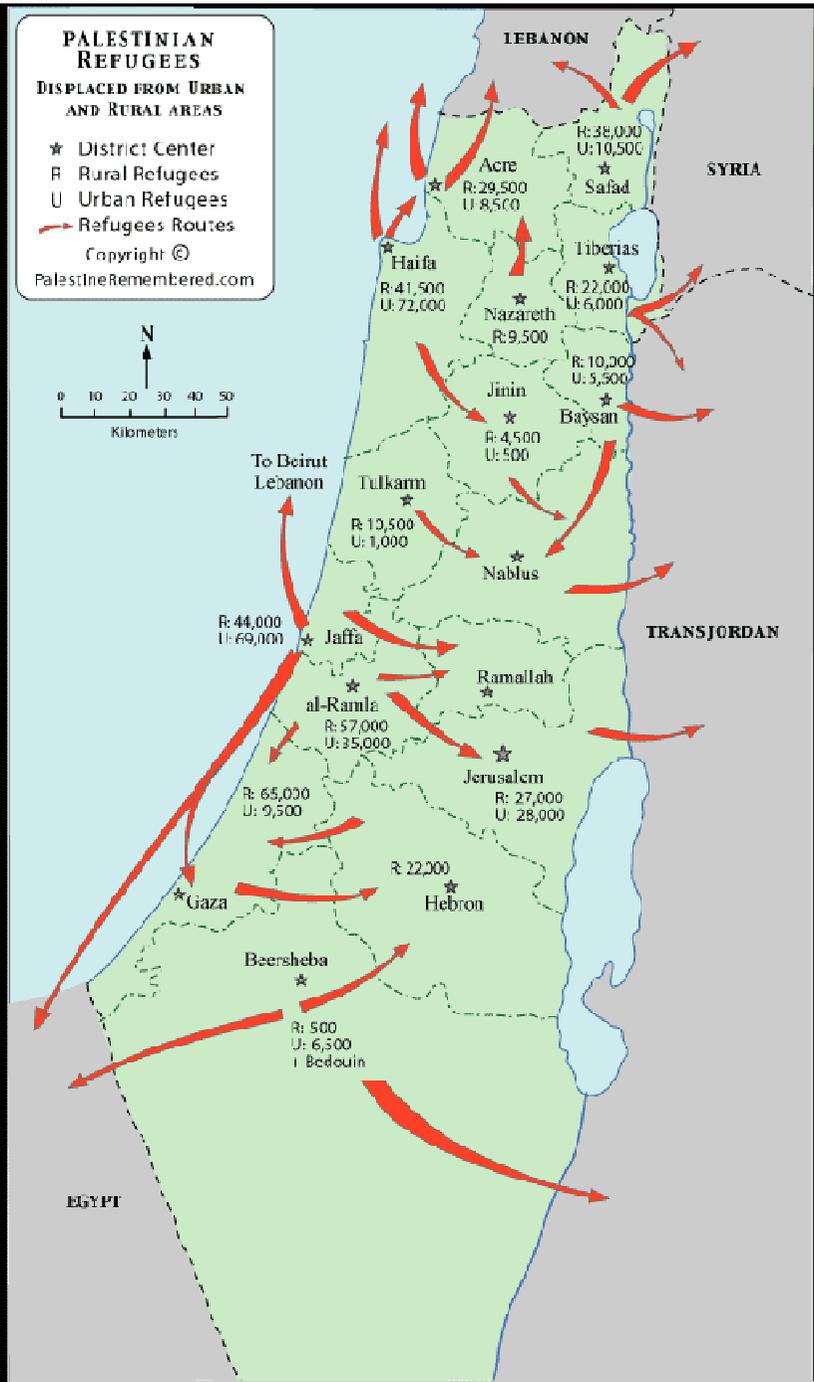
AA Nakba ou Limpeza étnica de 1948



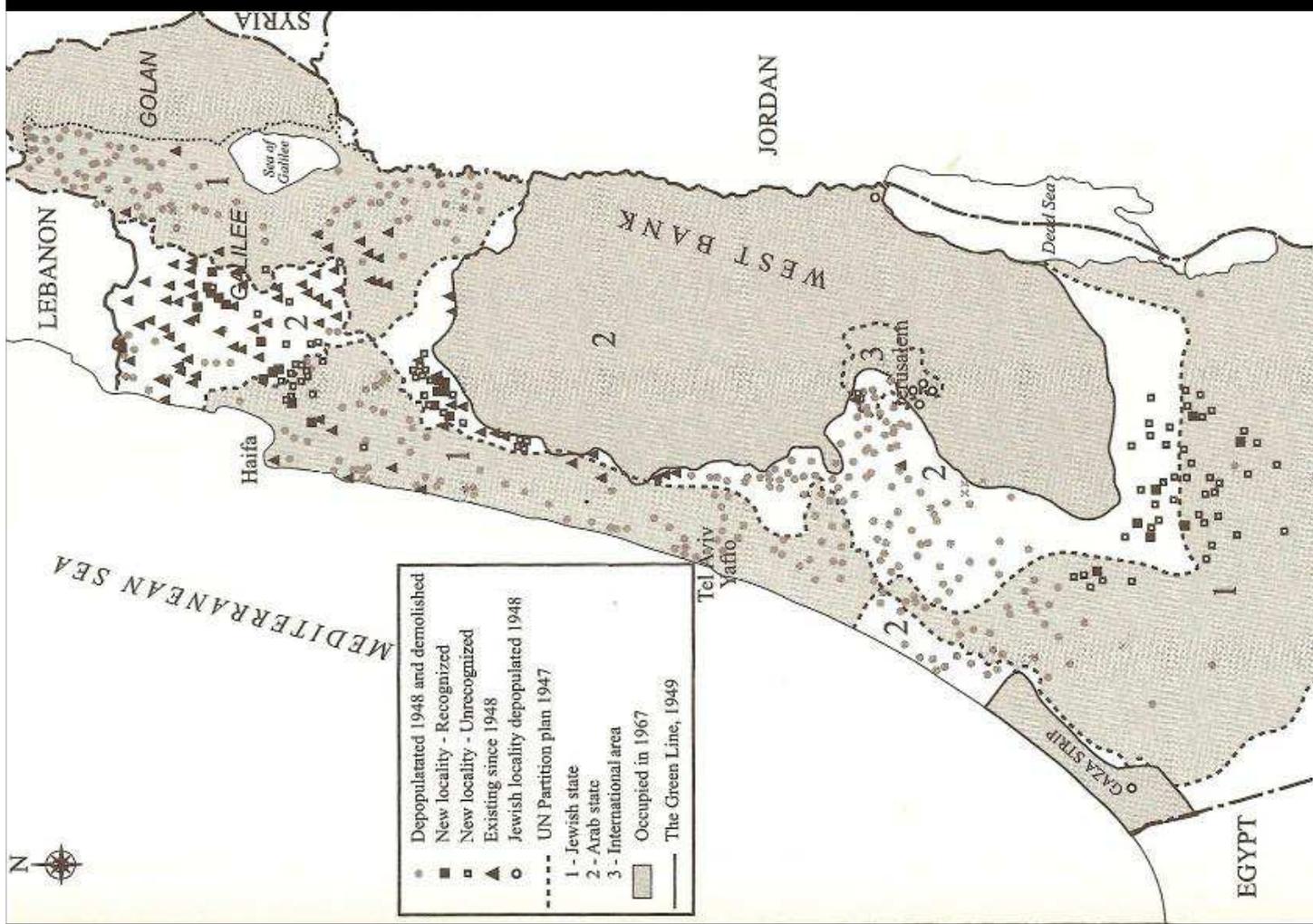
LOS REFUGIADOS ARABES, 1948

 Principales áreas de las que huyeron los árabes, abril-diciembre de 1948
 Ciudades con gran población árabe, cuya mayoría huyó
 Porcentaje de refugiados que alcanzaron nuevas zonas
000 Cantidad estimada de dichos refugiados (según la ONU)

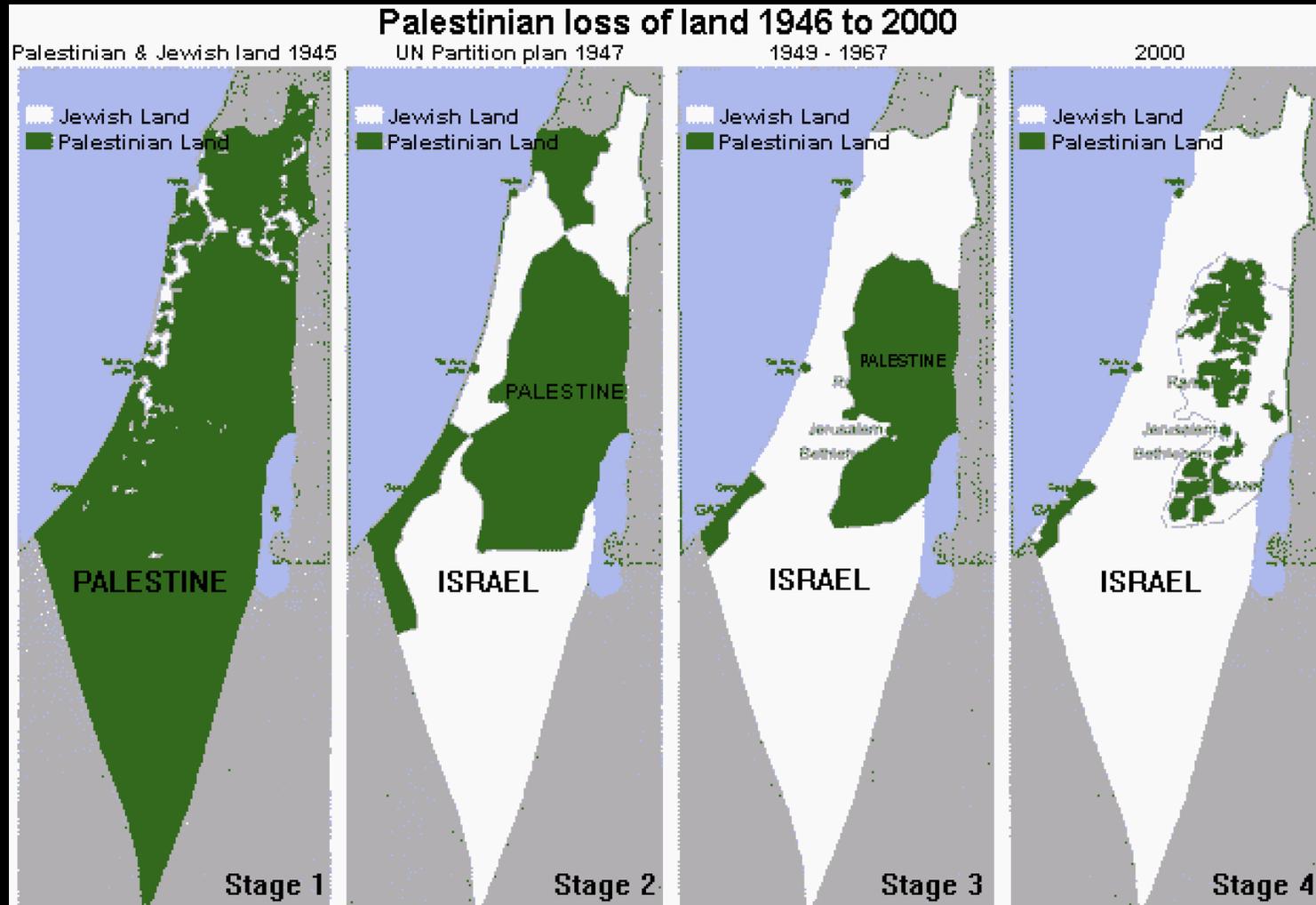




http://itisapartheid.org/Images/Map6_RefugeesRoutes.gif



1967



Nova limpeza étnica

Relatório de Nils Gussing, enviado da ONU para apurar os resultados da guerra de 1967, referindo-se às Colinas de Golan:

“As forças israelenses não viram desfavoravelmente seu impacto [dos diferentes acontecimentos da guerra] sobre o movimento da população para fora da área” e, independentemente da política adotada por esse governo, “pareceu claro ao Representante Especial que, a nível local, certas ações autorizadas ou permitidas pelos comandantes militares locais foram uma causa importante de sua partida [da população]”

Nova limpeza étnica

Em conformidade com a resolução 2253, da Assembleia Geral, para obter informações *in locu* sobre a situação em Jerusalém, o Secretário-Geral da ONU apontou o embaixador suíço Ernesto A. Thalmann como seu representante pessoal na cidade.

“Thalmann ouviu diversas queixas da população árabe da cidade, semelhantes às registradas por Gussing em sua visita às Colinas de Golã e ao restante da Cisjordânia, que mais tarde também se tornariam recorrentes nos relatórios do Comitê Especial. Dentre as reclamações apontadas por Thalmann, destacam-se: medidas econômicas e políticas opressivas para forçar o êxodo populacional, interferência em assuntos religiosos, demanda por direitos judaicos a locais sagrados e profanação das estruturas existentes neles, desapropriação, fechamento compulsório e confiscação de propriedades móveis e imóveis, prisões arbitrárias e exílio de opositores da anexação de Jerusalém, pilhagem, demolição sumária de residências, expulsão massiva, assédio e privação de liberdade por longos períodos e “judaização” do espaço. Tais violações foram vinculadas pelos próprios árabes à negação de seus direitos à autodeterminação, livre circulação e liberdade pessoal”.

TABLE 18
PALESTINIAN REFUGEES REGISTERED WITH UNRWA
(As of July 1, 1968)

Country	In Camps	Not in Camps	Newly Displaced Refugees	Total
Jordan				
East Bank	82,139	213,816	193,807	489,762
West Bank	73,903	197,893	—	271,796
Total	156,042	416,709	193,807	761,558
	(240,020) ¹	(482,667)	—	(722,687)
Egypt	195,446	112,268	—	307,714 ²
(Gaza)	(205,723)	(111,053)		(316,776)
Lebanon	86,459	85,058	—	171,517
	(82,930)	(77,793)		(160,723)
Syria	27,151	127,134	—	154,285
	(24,151)	(120,239)		(144,390)
Total	465,098	736,169		1,395,074
	(552,824)	(791,752)		(1,344,576)

A colonização israelense da Cisjordânia e Gaza, segundo a ONU

Assembleia Geral da ONU. Resolução 3525 (XXX). Report of the Special Committee to investigate Israeli practices affecting the human rights of the population of the Occupied Territories. Resolução datada de 15 dez. 1975.

Nesta resolução a comunidade internacional, representada pela Assembleia, condena, em particular, as seguintes práticas israelenses:

- “Anexação de partes dos territórios ocupados”;
- “Estabelecimento de assentamentos neles e a transferência de população estrangeira para eles”;
- Destruição e demolição de casas árabes;
- Expropriação e o confisco de propriedades árabes ;
- “Evacuação, deportação, expulsão, desenraizamento e transferência dos habitantes árabes dos territórios ocupados, e a recusa de seu direito de retorno”;
- “Prisões em massa, detenções administrativas e maus tratos da população árabe”;
- “Pilhagem de propriedades arqueológicas e culturais”;
- “Interferência nas liberdades e práticas religiosas, assim como nos direitos e costumes familiares”;
- “Exploração ilegal das riquezas naturais, recursos e população dos territórios ocupados”.

Israel e África do Sul: apartheid

A Resolução 3151 G da Assembleia Geral da ONU, enfatiza, denuncia e condena a coalizão ou “aliança maldita” do “sionismo e imperialismo israelense” com o colonialismo português e o regime de apartheid. Nos termos desse documento, África do Sul, Portugal e Israel se ajudavam mutuamente no âmbito político, militar e financeiro.

Texto original da Resolução: [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/3153\(XXVIII\)&Lang=E&Area=RESOLUTION](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/3153(XXVIII)&Lang=E&Area=RESOLUTION)

A mãe África se levanta contra o racismo sionista

Em 1975, a Organização da Unidade Africana ou OUA (entidade antecessora da atual União Africana), aprovou uma resolução convocando seus Estados membros a apoiarem integralmente os palestinos contra o “colonialismo racista sionista”. A Causa Palestina foi, literalmente, reconhecida como uma Causa Africana e a Organização para Libertação da Palestina foi convidada a planejar uma estratégia conjunta com o Comitê de Libertação da OUA.

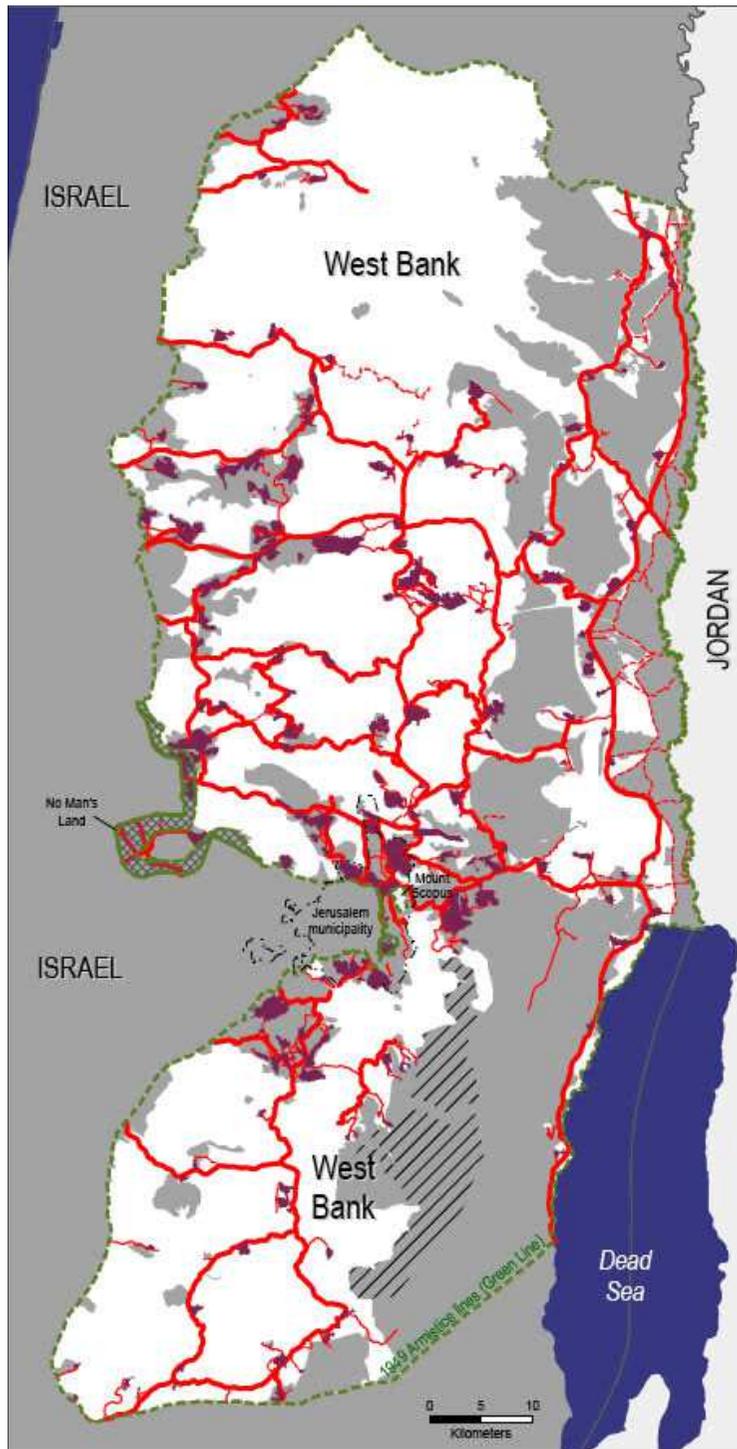
O sionismo foi definido como “perigo à paz mundial”, mantenedor de um “regime racista na Palestina ocupada”, que partilharia da mesma origem imperialista e estrutura racista dos regimes na África do Sul e no Zimbábue, aos quais estaria “organicamente vinculado em suas políticas de repressão da dignidade e integridade do ser humano”.

Documentos

originais

em:

http://webmail.africa-union.org/OAU%20Decision/OAU%20Assembly%20of%20Heads%20of%20State%20and%20Govt%20Decision%20_E.html



< Estradas
exclusivas
para
israelenses

Bifurcação
entre
estradas
para
israelenses
e
palestinos

>



Sionismo é racismo

A resolução 3379 de 1975 da Assembleia Geral da ONU, aprovada com o apoio do 3º Mundo, considerou o sionismo, literalmente, uma forma de racismo. A resolução foi revogada em 1991, como pré-condição apresentada pelos governos israelenses para iniciarem as conversações de paz, que culminaram em Oslo.

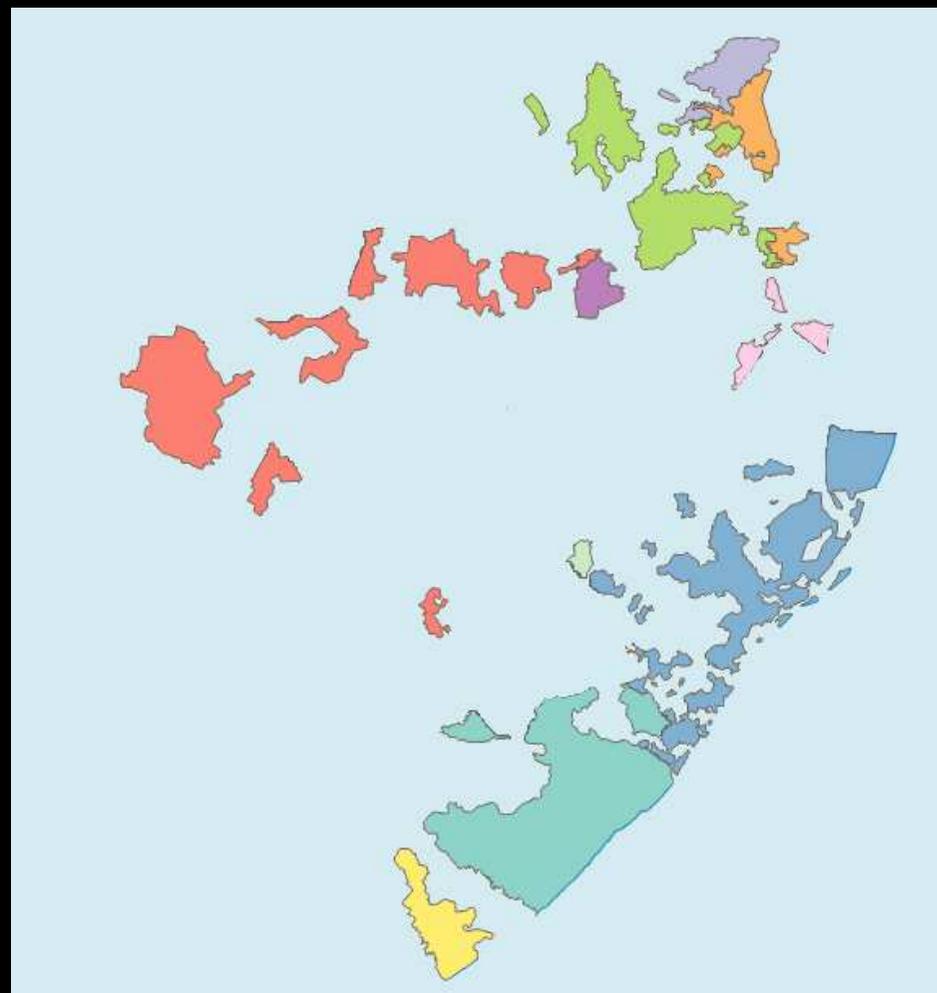
Em 2001, na Conferência Internacional de Direitos Humanos em Durban, mais de 3.000 organizações demandaram a restituição da resolução.

Documento original em:

[http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/3379\(XXX\)&Lang=E&Area=RESOLUTION](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/3379(XXX)&Lang=E&Area=RESOLUTION)



Cisjordânia



África do Sul do
Apartheid

Desmond Tutu

“[Israel e África do Sul] têm muito em comum, e as formas de opressão em cada um demonstra similitudes marcantes [...] Nos últimos anos, durante os quais nossos problemas na África do Sul diminuíram, as coisas na Terra Santa pioraram cada vez mais, e a tragédia humana foi multiplicada [...] Eu estava profundamente angustiado pelas minhas visitas à Terra Santa. Elas me lembraram em muito o que aconteceu com nós, povo negro, na África do Sul. Eu vi a humilhação dos palestinos em *checkpoints* e bloqueios nas estradas, assim como nosso povo que continuava a sofrer quando jovens oficiais de polícia brancos nos impediam de nos movimentarmos [...] Minha visita a ela me lembra muito da África do Sul: o apartheid está de volta, completo com o ‘Muro da Separação’ e os bantustões. A história, ao que parece, se repete”.

Referência: TUTU, Desmond M. Foreword. In: PRIOR, Michael (ed.). Speaking the truth. Zionsim, Israel and occupation. Northampton (Massachussetts): Olive Branch Press, 2005. p. 9-11.

Carta de Nelson Mandela a Thomas Friedman

“O apartheid é um crime contra a humanidade. Israel privou milhões de palestinianos da sua liberdade e da sua propriedade. Ele perpetua um sistema de discriminação racial e de desigualdade. Encarcerou e torturou sistematicamente milhares de palestinianos, em violação do direito internacional. Desencadeou uma guerra contra a população civil e em especial contra as crianças. As respostas da África do Sul em matéria de violação dos direitos humanos provenientes das políticas de deportação e das políticas de apartheid fizeram luz sobre o que a sociedade israelita deve necessariamente levar a cabo para que se possa falar duma paz justa e duradoura no Médio Oriente e do fim da política de apartheid”.

Fonte: <http://electronicintifada.net/content/mandelas-first-memo-thomas-friedman/4826>

< À esquerda
do muro,
terras
palestinas
confiscadas
por Israel





< Água para palestinos
no Vale do Jordão



<
Distribuição
água para
colonos no
Vale do Jordão

< Colônia israelense
no Vale do Jordão

Observações finais do Comitê de Direitos Econômicos,
Sociais e Culturais da ONU sobre o relatório emitido
por Israel, 26/06/2003.

“a excessiva insistência de que o Estado é um “Estado judeu” fomenta a discriminação e relega aos cidadãos não judeus a condição de cidadãos de segunda classe” [parágrafo 10]

“O Comitê segue gravemente preocupado pelas deploráveis condições nas quais vivem os palestinos nos Territórios Ocupados, os quais, devido à continuação da ocupação e às conseguintes medidas de fechamento, toques de recolher prolongados, controles de estradas e postos de controle, sofrem graves restrições no exercício dos direitos econômicos, sociais e culturais reconhecidos no Pacto, especialmente no que tange ao acesso ao trabalho, a terra, ao abastecimento de água, à atenção sanitária, à educação e aos alimentos” [parágrafo 19]

Informe do relator especial para a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos ocupados desde 1967, sr. John Dugard, relatório publicado no dia 21 de

“Israel pôs em marcha um sistema de ‘*apartheid* de estradas’ desconhecido na África do Sul do *apartheid*” [parágrafo 30].

“Os assentamentos são ilegais [...] constituem uma forma de colonialismo que é contrária ao direito internacional” [parágrafo 32].

“Os postos de controle servem para humilhar os palestinos e geram sentimentos de profunda hostilidade contra Israel. A esse respeito, assemelham-se a leis da África do Sul do *apartheid* que exigiam dos sul-africanos negros que dispusessem de uma permissão para viajar ou residir em qualquer lugar da África do Sul” [parágrafo 35].

Informe do relator especial para a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos ocupados desde 1967, snr. Richard Falk

Em janeiro de 2014, o juiz de fé judaica Richard Falk, em seu último relatório investido da relatoria especial pela ONU, criticou a imobilidade da Corte Internacional de Justiça e assumiu parcialmente a tarefa que seria da competência dessa instância máxima, requerida desde 2007 a “analisar se as alegações de apartheid na Palestina Ocupada são bem fundamentadas”.

Três parágrafos do relatório chamam a atenção: “parece incontestável que as medidas israelenses de fato dividem a população dos Territórios Palestinos Ocupados com base em critérios raciais, criam reservas separadas para os palestinos e expropriam sua terra. Mais adiante, as violações de direitos humanos refletem “políticas, leis e práticas israelenses sistemáticas e discriminatórias, que determinam onde nos territórios ocupados os palestinos podem ou não viajar, viver e trabalhar”. Como conclusão, o relator ressignifica a palavra hebraica *hafrada* (separação) e a utiliza como sinônimo do termo africâner apartheid para definir a situação nos territórios palestinos: “os efeitos combinados das medidas formuladas para garantir a segurança dos cidadãos israelenses, para facilitar e expandir os assentamentos e, ao que parece, para anexar terras, é *hafrada*, discriminação e opressão sistemática do povo palestino e domínio sobre ele”.

http://blog.unwatch.org/wp-content/uploads/A-HRC-25-67_en-Falkfinalreport_Feb2014.pdf

Gaza: último estágio da ocupação

Pós-doutor e ativista por direitos humanos: Darryl Li:

Gaza e Cisjordânia apresentariam duas fases diferentes de um processo comum de segregação, confinamento e vigilância, sendo Gaza após a “retirada” israelense de 2005, o estágio mais avançado até então visto. A Faixa concentra e isola uma imensa população na menor área possível, mantendo o mínimo de responsabilidade com o máximo de controle. Israel, ao retirar suas tropas e colonos em 2005, declarou o território fronteira internacional. Portanto, a destruição e as mortes lá causadas não constituem crimes puníveis em sua própria legislação e os palestinos não estão protegidos pelas leis internacionais humanitárias.

Artigo completo em: <http://www.pchrgaza.org/Library/darryl.pdf>

Gaza: uma prática social genocida

A operação israelense Chumbo Fundido contra Gaza (2008-2009), nos termos do relatório elaborado pela comissão da ONU encarregada de investigar possíveis crimes de guerra praticados:

um ataque deliberadamente desproporcional designado para punir, humilhar e aterrorizar a população civil, radicalmente debilitando sua capacidade econômica local tanto para trabalhar e se autossustentar, quanto para forçar sobre ela um sempre crescente senso de dependência e vulnerabilidade [...] A Missão também conclui que as forças armadas de Israel ilegal e ostentamente atacaram e destruíram sem necessidade militar um número de objetos e instalações de produções ou processadores de comida (incluindo moinhos, terras e estufas), instalações de água potável, fazendas e animais, em violação ao princípio da indistinção. A partir dos fatos investigados, a Missão conclui que essa destruição foi perpetrada com o propósito de negar a subsistência à população civil.

O povo judeu também
precisam de nossa ajuda



O que podemos fazer?

Comitê de Solidariedade Curitiba, reunião 2014

Atividade	encarregada(o)	prazo
Página do facebook: Urgente Palestina (sugiro "Comitê de Solidariedade Curitiba" tendo em vista a multiplicação estadual que pretendemos)		07/ago
Planejamento de possíveis fontes de recurso		15/ago
PONTA GROSSA sábado agora dia 9/8 - irão de Curitiba		09/ago
Camisas - preço unitário (qualidade baixa/média/alta) 100 unidades		08/ago
Contatar "Zombie Walk" para marcha "feridos de Gaza" na feirinha dia 17/8 (açougueiros nazistas/vítimas)		08/ago
Lembrança para editor dos vídeos dos atos de solidariedade (Henry Milleo)		08/ago
PALESTRAS: 09/2014 - UNIBRASIL (Elza) - 10/2014 - UP (Susan Blum) - 11/2014 (CMC) - Ver disponibilidade palestrantes (Salem Nasser/Arbex/E. Sader - ver APP/Lejeune)		08/ago
Criar símbolo/ simiose/ conceito do Comitê de Solidariedade		11/ago
Traduzir/legendar vídeo dos carrinhos, armas, bombas do inglês		13/ago
Ato emergencial semana na sexta, se massacre não cessar		08/ago
Manual perguntas/respostas Palestina (desenvolvimento gradativo, conforme ataques do facebook)		Ver atividade
Carta de princípios para diálogos com lideranças religiosas		15/ago
Contra Projeto "Israel 2009" (estudá-lo para desenvolver "Palestina 2009") para releasing e respostas rápidas - RIMA ou QUEM PODE ENVIAR O DOCUMENTO PARA TODOS?		A DEFINIR
Formação interna - TODOS PODEM SEMANA QUE VEM À NOITE?		Semana que vem
Gravar documentário sobre Questão Palestina para venda na Boca junto com banners		Sem data
Criar comitê Toledo		Sem data
Congresso estadual de solidariedade sem data (ver a partir Ponta Grossa)		Sem data
Trabalho com líderes espirituais		Sem data
Beto do Caritas recebe email do grupo???????????		
Ação de massa semanal enquanto haver massacre, depois mais tranquilo	TODAS(OS)	SEXTA AGORA SE NECESSÁRIO